# Entre o Inferno e o Paraíso: o Ensaio de Gilberto Freyre

**Silvana Moreli Vicente**[1]

[1]Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP), silmoreli@usp.br

***Abstract.*** *This article intends to discuss some aspects related to the essay of the writer, sociologist, anthropologist, and social historian Gilberto Freyre (1900-1987), focusing on his more important work* Casa-grande & Senzala *(1933). Freyre's essay, which was definitely very prolific in the context of the Brazilian Modernist debate in the first half of the 20th Century, may be included in the paradigm of a literary genre or form characterized by its openness, fluidity, and ambiguity.*

***Keywords.*** *Gilberto Freyre; Brazilian essay;* Casa-grande & Senzala.

***Resumo.*** *Este artigo tem como objetivo discutir alguns aspectos do ensaio do escritor, sociólogo, antropólogo e historiador social Gilberto Freyre (1900-1987), enfocando seu mais importante trabalho* Casa-grande & Senzala *(1933). Pretende-se discutir em que medida o ensaio de Freyre, que foi bastante prolífico no contexto do debate modernista no Brasil da primeira metade do século XX, pode ser incluído no paradigma de um gênero ou forma literária caracterizado pela abertura, fluidez e ambigüidade.*

***Palavras-chave.*** *Gilberto Freyre; ensaio brasileiro;* Casa-grande & Senzala.

## 1 . Esboço de uma Figura Controversa

Escritor polêmico, Gilberto Freyre pouco se presta a enquadramentos. Ao se perguntar sobre sua obra, a referência a sua multiplicidade é necessária. O aparecimento de seus principais trabalhos *Casa-grande e Senzala*, de 1933, *Sobrados e Mocambos*, de 1936, e *Ordem e Progresso*, de 1959, que compõem a trilogia ensaística de nascimento, vida, decadência e morte do patriarcalismo no Brasil, marcaram o cenário intelectual. Dialogando com o passado e apresentando uma sensível visão do país e sua cultura, sua extensa obra trouxe, no seu bojo, questões extremamente originais, polêmicas e, quiçá por isso, ainda vivas.

Gilberto Freyre foi revolucionário em vários sentidos. Fixou seu olhar investigativo e contemplativo no local, especialmente no espaço da intimidade doméstica, mas seu reconhecimento se transbordou para além-fronteiras. Procurou, como ninguém, elaborar um discurso ajustado à realidade do país, casando criativamente o local e o internacional, o presente e o passado, a intuição e a indução, a oralidade e a escrita, as artes e a ciência, a poesia e a prosa.

Revigorou os estudos sociais e históricos no Brasil da primeira metade do século XX, tentando convencer seu leitor sobre a viabilidade da civilização brasileira, dialogando, desse modo, com seus antecessores que, de forma pessimista, sustentavam a fraqueza genética do mestiço. Em meados do século, porém, foi duramente criticado por pretensamente apresentar uma visão idílica do passado e sustentar a idéia da

democracia racial no Brasil. Os altos e baixos de sua trajetória política apontam para uma particular capacidade de participar ativamente dos debates do seu tempo: "evoluiu da esquerda democrática nos 1930 e 1940 para a direita autoritária nas décadas de 1960 e 1970" (Ventura, 2001-2002: 220) para, na década de 1980, ser considerado precursor da "nova história".

## 2 . Gilberto Freyre: Escritor Impuro?

Na medida em que abordou a formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida em seus ensaios de interpretação do Brasil, Gilberto Freyre definiu o caráter do brasileiro como uma "combinação harmônica de antagonismos", resultante da mistura de três raças: o branco, o índio e o negro. Tal mistura, intrinsecamente impura, terminaria por deslocar-se do seu objeto para sua escrita, caracterizada por uma impureza literária horizontal a contaminar os diversos gêneros textuais aos quais o escritor se dedicou, como o ensaio, o romance e a poesia. Definindo-se como praticante da forma literária impura, desenvolveu o termo no livro de crítica literária *Heróis e Vilões no Romance Brasileiro*:

> ... O público, ... o escritor que adota é, sempre, o que lhe traz em poemas, em ensaios, em romances, temas e figuras, senão viventes e existenciais, fantásticos e ultra-existenciais, em linguagem que seja sempre vivente e existencial; ligada à vida e até ao cotidiano ... E para haver essa vivência em obras literárias e essa convivência de autor com leitor, de escritor com público, é preciso que o autor seja ... *impuro*. *Impuro* que acrescente ao que é *literário* nos seus objetivos e na sua linguagem, elementos *não-literários*, vindos das ruas, das praças, das multidões, da boca do povo, da tradição oral ... das superstições, do sobrenatural ... (1979a: 26).

A impureza da escrita, um atributo, aqui, formal, teria a ver com o fato de a mesma colar-se intimamente à vida cotidiana, à vivência do homem inserido em seu meio. Tal impureza formal não caminharia sozinha; liga-se não só ao ecletismo do estilo freyriano, como também a um dos temas centrais de sua prosa ensaística, a miscigenação ou ainda o hibridismo, qualidades assimilativas caras ao povo brasileiro. Para Freyre, do português, o brasileiro teria herdado tal propensão para a fácil miscibilidade: "nenhum povo colonizador, dos modernos, excedeu ou sequer igualou nesse ponto aos portugueses. Foi misturando-se gostosamente com mulheres de cor logo ao primeiro contato e multiplicando-se em filhos mestiços..." (Freyre, 2000: 83-4).

Assim, a plasticidade, a sensualidade e a originalidade produtos dessa miscigenação nos trópicos são avivadas por uma escrita com estilo bastante pessoal, afeita ao coloquial, oral, antiformal e inconclusivo. Para a elaboração de sua obra, conseguiu conjugar conhecimento das ciências da época e notável sensibilidade literária. O que se circunscreveria à ciência, pelo seu sentido sobretudo referencial, procura constantemente transpô-la, com o emprego de uma linguagem com renovado poder de impacto sedutor. Tal é uma faceta daquela tendência assinalada por Antonio Candido, no ensaio "Gilberto Freyre, crítico literário" (1962), acerca da *ambigüidade dinâmica* que permeia sua obra:

> Uma vez constatado que é difícil e desnecessário classificá-lo, dada a natureza da sua personalidade intelectual, a fecunda diversidade do seu pluralismo, compreendemos melhor a ambigüidade dinâmica sentida na leitura da sua obra, - onde, quando saímos à busca do sociólogo, deslizamos para o escritor; e quando procuramos o escritor, damos com o sociólogo. Se procuramos especificamente o crítico, acharemos

> quase sempre o estudioso que utiliza impuramente a literatura para fins da sua construção sociológica; mas a impura utilização torna-se de súbito tratamento vivificante, que retorna sobre a literatura a fim de esclarecê-la (Candido, 1962: 120-1).

Tal vivacidade do método e do estilo de Freyre pode ser vista como o modo de atuação de uma personalidade rebelde que procurava, a todo preço, não parecer acadêmica, retórica, artificial ou demasiadamente apegada à técnica. O objetivo de Freyre seria tornar-se um escritor independente, daqueles que "pode dar-se ao luxo desses devaneios com um desembaraço difícil de ser atingido por intelectuais comprometidos com instituições ou com sistemas ideológicos" (Freyre, 1968: 187). Porém, é esta mesma fluidez e plasticidade que é, muitas vezes, objeto da mais pesada crítica. Costa Lima, em "A Versão Solar do Patriarcalismo: *Casa-grande & Senzala*", conclui que a fluidez conceitual de Gilberto Freyre é nociva na medida em que corrige a distância social e contraria a tendência à aristocratização. Para ele, "seria o caso de dizer-se que tal flexibilidade seria um engodo 'humanista' com que justificamos o faz-de-conta a que as palavras então se submetem" (Lima, 1989: 216).

## 3 . Alguns Diálogos de Gilberto Freyre

De fato, o texto eclético de Gilberto Freyre é, como o caráter do brasileiro, "um rico amálgama de antagonismos" e, em sua gênese, comunica-se com importantes textos da modernidade. Um dos diálogos mais produtivos que estabelece é com o ensaísmo brasileiro e internacional, principalmente com a tradição de língua inglesa representada por Lafcadio Hearn, G. K. Chesterton, Arnold Bennett, Daniel Defoe, Jonathan Swift, Richard Steele, Joseph Addison, Cardinal John Henry Newman, Matthew Arnold, Charles Lamb e Walter Pater. Sobre estes, afirmou em seu diário de adolescência e juventude: "Desde que li Pater a primeira vez, ainda em Baylor, tornou-se ele tão parte da minha vida como Charles Lamb, que eu supunha não pudesse ser excedido por nenhum outro escritor na arte do ensaio" (1975: 46). Do ensaísmo hispânico, destaca Ganivet, Unamuno e Ortega y Gasset, ao lado dos místicos S. Juan de la Cruz, Santa Teresa e Ramón Lulio. Freyre também entrou em contato com o culturalismo de Franz Boas, com a psicanálise de Sigmund Freud, com a sexologia de Havelock Ellis e com o materialismo histórico de Marx e Engels. Ainda o esteticismo do fim-de-século de Nietzsche e Simmel, segundo Larreta (2000), teria inspirado em Freyre "um vívido senso de uma dimensão erótica e afetiva da cultura, destacando seus aspectos sensoriais, estéticos e concedendo um grau importante à subjetividade".

É também sabido que o ensaio foi o gênero textual predominante no Pré-modernismo e no modernismo brasileiro (Gaio, 2004), e é também com esta fecunda tradição que Freyre dialoga. Procurou rever as posturas deterministas e racistas da época, adotadas, por exemplo, pelos ensaístas Sílvio Romero e Oliveira Vianna. Sua obra oferecia um contraponto ao pessimismo de Paulo Prado, como pode-se notar em "Contradições de Paulo Prado", publicado em *Pessoas, Coisas e Animais* (1979b). Era admirador dos estilos de Euclides da Cunha e de Oliveira Lima, sobre os quais escreveu sugestivos ensaios, publicados em *Perfil de Euclydes e outros perfis* (1987). Do abolicionista Joaquim Nabuco, destaca, no prefácio para o livro de memórias *Minha Formação*, uma certa inflexão autobiográfica velada, "por esconder seus excessos de reformador social ou revolucionário político, que lutara quando jovem contra os interesses de sua própria casta, a elite de brancos e de quase brancos do Império agrário" (Ventura, 2001-2002: 216), caráter dúbio este que Freyre parece compartilhar.

O ensaio, considerado gênero de intervalo, de transição ou literatura *in potentia*, segundo Obaldia (1995), foi a forma textual a que mais se dedicou Freyre, apesar de também ter escrito ficção e poesia. No seu caso, essas formas foram constantemente submetidas ao avanço daquela impureza horizontal, resultando em obras híbridas, ou seja, cujas fronteiras que delimitam os gêneros textuais (como o ensaio, o romance ou a poesia) não parecem tão nítidas. Seria interessante, pois, observar como o escritor opera tal impureza em sua obra. Nos limites deste artigo, faremos algumas considerações sobre o ensaio de Freyre. Observar alguns procedimentos empregados pelo autor para conquistar a forma impura em sua prosa ensaística, especialmente frutífera e sugestiva no Brasil da primeira metade do século XX, é nosso objetivo nas linhas que seguem.

## 4 . Gilberto Freyre, Ensaísta

Para Georg Simmel, cujos escritos transitam da filosofia à sociologia, "mesmo afirmando sua natureza artística, o ensaio é um gênero totalmente adequado à apreensão de objetos novos e que escaparam à investigação da filosofia tradicional" (Gaio, 2004: 11). No sentido das sugestões de Simmel, para quem o processo de apreensão deste objeto novo deve ser dinâmico e por meio de uma prosa clara, Freyre escreveu sobre os temas mais inovadores, como a cachaça e a batida, histórias em quadrinhos, o cartão-postal e a saudade, sempre com base em aspectos concretos, como pode-se observar em seus livros *Alhos & Bugalhos: Ensaios sobre Temas Contraditórios, de Cachaça; de José Lins do Rego ao Cartão Postal* (1978) e *Pessoas, coisas & animais* (1979b). Ainda mais, em sua trilogia da História da Sociedade Patriarcal no Brasil, para falar sobre a formação, decadência e desintegração da sociedade patriarcal brasileira, trouxe ao tecido textual aspectos inusitados da intimidade familiar. A mulher, a criança e o escravo são flagrados no seu cotidiano doméstico, revelando hábitos sexuais, alimentares, de lazer, de higiene, de vestimenta, de moradia que estão na base da formação do novo país. Freyre surpreendeu ao trazer para o tecido textual aspectos do cotidiano e impressões memorialísticas que, mais além, tomam verdadeira dimensão erótica.

O discurso de Freyre, como que para adequar a linguagem à concretude de seu objeto, apreendendo-o em sua opacidade constitutiva, configura-se com idas e vindas, afirmações e negações, avanços e retrocessos que tipificam o universo impuro próprio da nova civilização. Tal aspecto descontínuo do ensaio de Freyre tem a ver com a natureza aberta e fragmentária deste gênero textual destacada por Adorno (1986). Um painel descritivo-impressionista da sociedade toma vida própria e, no detalhe, o espaço textual da *casa-grande* e da *senzala* pode ser visto como um mosaico de micro-narrativas cujo objetivo seria evocar o universo recuado no tempo dos antepassados:

> Estudando a vida doméstica dos antepassados sentimo-nos aos poucos nos completar: é outro meio de procurar-se o 'tempo perdido'. Outro meio de nos sentirmos nos outros – nos que viveram antes de nós; e em cuja vida se antecipou a nossa. É um passado que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um; uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos (Freyre, 2000: 56).

Segundo o autor, não é a dedução científica que conduz a feitura do seu texto, mas uma empatia inexplicável pelo objeto maior, o homem e a sociedade. Freyre constrói um texto, em que pese a possibilidade de troca intersubjetiva com o leitor, aberto para leituras como aquelas que vêem, em certos momentos, uma perigosa visão

idílica do passado colonial por trás de suas escolhas. Porém, só por meio de um tenso equilíbrio operado pela forma, o autor consegue sugerir, no horizonte da possibilidade, aquela "esperança e desilusão" (Adorno, 1986) como percalços do destino da civilização brasileira. É um tal equilíbrio provisório que, mesmo que o ensaio provoque a grata sensação de que nos traz a chave "para poder entrar não só nos palácios encantados, nos casarões mal-assombrados, solares, engenhos, senzalas, sobrados e mocambos, como para descermos aos desvãos e camadas inferiores de onde emergiu o Brasil de nossos dias" (Gilberto Amado in Freyre, 2000: 76), também nos lembra que, no pretenso idílio colonial, nem tudo são maravilhas.

Para o autor, a chave para a compreensão da tradição conservadora no Brasil está, de um lado, no gosto pelo mando e pelo autoritarismo, cujo contraponto é obediência servil. Nesse sentido, "transforma-se o sadismo do menino e do adolescente no gosto de mandar na surra, de mandar arrancar dente de ladrão de cana, de mandar brigar na sua presença capoeiras, galos e canários" (Freyre, 2000: 122). Manuseando uma estilística marota plena de imagens, o autor prepara a ampliação do tema: "sadismo... manifestado pelo senhor de engenho quando homem feito; no gosto de mando violento e perverso" (Freyre, 2000: 122). O sadismo do menino e do homem brasileiro se daria no inverso sentido das tendências masoquistas da mulher e do escravo. Como que, no "tempo tríbio" da circularidade, o brasileiro traria o gérmen daquilo que faz suportar "a pressão sobre ele de um governo másculo e corajosamente autocrático" (Freyre, 2000: 123). O Brasil torna-se, assim, numa extensão ao cenário contraditório em que se forma a família patriarcal brasileira, símbolo daquele equilíbrio precário entre Ordem e Liberdade, Autoridade e Democracia, dualidade que, para Freyre, tem lá suas vantagens:

> ... uma dualidade não de todo prejudicial à nossa cultura em formação, enriquecida de um lado pela espontaneidade, pelo frescor de imaginação e emoção do grande número e, de outro lado, pelo contato, através das elites, com a ciência, com a técnica e com o pensamento adiantado da Europa (Freyre, 2000: 123).

O destino do Brasil seria manter essa dualidade em bons termos. O resultado disso é uma assimilação aparentemente homogênea, mas, no fundo, com borbulhantes disparidades, já que no brasileiro ainda persistiriam os extremos, como bem destaca Araújo (1994). Trata-se de uma paradoxal resistência assimilativa, que faz retornar sempre a ambigüidade constitutiva do homem e de seu meio. Esses (re)encontros com o descontínuo são postos em cena nas últimas páginas de *Casa-grande & Senzala*:

> Mas não foi toda de alegria a vida dos negros, escravos dos ioiôs e das iaiás brancas. Houve os que se suicidaram comendo terra, enforcando-se, envenenando-se com ervas e potagens dos mandigueiros. O banzo deu cabo de muitos... Não morreram: mas ficaram penando. E sem achar gosto na vida normal – entregando-se a excessos, abusando de aguardente, da maconha, masturbando-se (Freyre, 2000: 514).

O ensaio termina na seqüência com uma espantosa enumeração de diversas doenças que teria sofrido o negro como conseqüência dos maltratos pelos brancos, da péssima alimentação, da má higiene, das condições de habitação e trabalho, dentre outras causas de fundo social. Seguem suas últimas palavras: " 'Os vermes e particularmente a toenia, e as ascarides lombricoides abundão muito', acrescenta Jobim" (Freyre, 2000: 515). Para quem havia, já nas primeiras páginas do ensaio, anunciado "a democratização social no Brasil" como fruto de uma miscigenação que

corrigia os extremos, Freyre termina muito bem com essa descrição do próprio inferno na terra, um mais que sugestivo contraponto ao paraíso brasileiro.

Em *Casa-grande & Senzala*, Freyre encarna o espírito ensaístico ao apresentar, como em fascinante mosaico, uma multiplicidade de perspectivas que mantém o leitor sempre desperto. Nessa senda, para McCarthy (1989, 58), é fundamental que o ensaio literário seja marcado por uma qualidade discursiva, aberta, dinâmica e viva. Oscilando com o emprego de imagens eufóricas e disfóricas, com a elaboração de inúmeras pequenas narrativas de melhoramento e degradação, fica a sensação de que a disparidade é constitutiva não só do sentido como também da forma, e negá-la seria um retrocesso. Este exato acabamento formal seria a chave para correção dos excessos de personalismo e saudosismo aristocrático. Assim, sobretudo neste momento de sua prosa ensaística, Freyre consegue tornar produtiva aquela impureza literária que procuraria fazer participar sempre, como verdadeiro ideal, de sua atividade como escritor.

## 5 . Referências Bibliográficas


ADORNO, T. O Ensaio como Forma. In: COHN, G. (org.). *Theodor W. Adorno*. São Paulo, Ática, 1986.

ARAÚJO, R. B. de . *Guerra e paz: Casa-grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

CANDIDO, A. Gilberto Freyre Crítico Literário. In: AMADO, Gilberto et al. *Gilberto Freyre – sua ciência, sua filosofia, sua arte*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962.

FREYRE, G. *Alhos & Bugalhos: Ensaios sobre Temas Contraditórios, de Cachaça; de José Lins do Rego ao Cartão Postal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

_____ . *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Reccord, 2000.

_____ . *Como e Porque sou e não sou Sociólogo*. Brasília: Editora de Brasília, 1968.

_____ . *Heróis e Vilões no Romance Brasileiro*. São Paulo: Cultrix/ Ed. da USP, 1979a.

_____ . *Perfil de Euclides e Outros Perfis*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

_____ . *Pessoas, coisas & animais*. São Paulo: Círculo do Livro, 1979b.

_____ . *Tempo Morto e Outros Tempos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

GAIO, A. M. *Modernismo e ensaio histórico*. São Paulo: Cortez, 2004.

LARRETA, E. Itinerário da formação. Folha de São Paulo, São Paulo, 12 mar. 2000. Caderno Mais!, p. 24-25.

LIMA, L. C. A Versão Solar do Patriarcalismo: Casa-grande & Senzala. In: *A Aguarrás do Tempo: Estudos Sobre a Narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

McCARTHY, J. *Crossing boundaries: a theory and history of essay writing in German, 1680-1815*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989.

OBALDIA, C. de. *The essayistic spirit. Literature, Modern Criticism, and the Essay*. Oxford: Clarendon Press, 1995.

VENTURA, R. Casa-grande e Senzala: ensaio ou autobiografia? *Literatura e Sociedade*, São Paulo, n.6, p.212-222, 2001-2002.